

MARK SEDGWICK: ENTREVISTA**POR: DANIEL RODRIGUES PLACIDO**

Mark Sedgwick nasceu em 1960, em Londres. Professor de Árabe e Estudos Islâmicos na Aarhus University, Dinamarca, pesquisa sobre o Islam moderno e contemporâneo, tanto no mundo islâmico quanto no Ocidente. Ele tem grande interesse no mundo árabe, especialmente o Egito, lugar em que viveu e lecionou durante vinte anos, antes de ir morar na Dinamarca. É autor de obras como *Against the Modern World: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century* (Oxford University Press, 2004) e *Western Sufism: From the Abbasids to the New Age* (Oxford University Press, 2016).

**INTRODUÇÃO**

Conheci pessoalmente o historiador inglês Mark Sedgwick no dia 27 de setembro de 2018, na cidade de São Paulo. Especialista em Islam, sufismo e tradicionalismo, ele estava nestas plagas com o objetivo de conversar com pesquisadores e fontes para sua pesquisa em curso sobre o sufismo na América Latina. Como naquela oportunidade o professor Mark Sedgwick tinha diversos compromissos agendados, decidimos deixar a minha ideia de entrevistá-lo para outra oportunidade. Esta entrevista me foi concedida no dia 17 de fevereiro de 2019, por email.

ENTREVISTA¹:

D. R. P.: *Em sua trajetória intelectual, como e por qual razão o Sr. começou a pesquisar temas como o tradicionalismo e o sufismo?*

¹ Tradução: Daniel Rodrigues de Assis Martins; Revisão: Paulo Eduardo Rodrigues Neto.

M. S.: Formei-me como historiador, mas da história ocidental². Comecei a estudar o sufismo porque eu estava morando no Cairo e lá conheci sufis, tornando-me amigo de alguns deles. Quando eu estava procurando um tema para minha tese de doutorado, alguém me apresentou a um professor na Noruega que mantinha um pequeno grupo de estudantes estudando sobre o sufismo, e entrei para esse grupo. Foi uma boa decisão. Gostei da pesquisa que fazia e encontrei um ambiente acolhedor. O tradicionalismo veio depois. Ouvi falar de um ramo da ordem sufi a respeito da qual eu estava estudando em meu doutorado que havia se espalhado da Arábia para a África e para o sudeste da Ásia, em Milão, e fiquei tão curioso que fui visitá-los. Eles eram tradicionalistas e me contaram tudo sobre Guénon. E então me recordei que, na verdade, eu havia lido um dos livros de Guénon alguns anos antes, e que algumas das pessoas que conheci no Cairo também eram tradicionalistas, e pensei: esse é um fenômeno importante. Então comecei a estudá-lo depois do meu doutorado e descobri que esse era, de fato, um fenômeno importante e fascinante.

D. R. P.: *Em seu artigo “Sufism in Latin America: a preliminary survey” (Melancolia, n. 3, 2018), o Sr. comenta algo a ser observado com atenção pela comunidade acadêmica, a meu ver: que as pesquisas sobre o sufismo na América Latina ainda são irregulares, e muitos aspectos deste assunto demandam mais investigações. O caráter deficitário das pesquisas foi o motivo do Sr., um pesquisador europeu, ter decidido realizar uma sondagem sobre o sufismo no contexto latino-americano?*

M. S.: Sim, essa foi uma das razões; eu achei que o sufismo na América Latina seria um tema muito promissor para qualquer pesquisa porque muito pouca havia sido feito a respeito. Algumas ordens sufis de outras regiões já haviam sido estudadas tantas vezes que nenhuma pesquisa nova acrescentaria muito ao que já sabíamos. Não era o caso do sufismo na América Latina! E quase tudo o que havia sido escrito estava em espanhol ou português, e a maioria das pessoas que estudam o sufismo não conhece essas línguas; elas sabem inglês, árabe, turco e persa, mas não espanhol ou português. Felizmente, sou

² Note-se que os países da América Latina não são considerados ocidentais por europeus e americanos, e, portanto, o entrevistado não considerava estar estudando países ocidentais em sua pesquisa sobre o sufismo neste subcontinente.

fluente espanhol e leio em português, então pensei que isso me daria uma boa oportunidade.

D. R. P. : *O fato de existir uma certa defasagem de obras e estudos sobre o sufismo na América Latina, significa, por outro lado, que isso pode ser um atrativo para investigadores (historiadores, sociólogos etc.) cuja preferência seja ter como objeto de pesquisa uma área pouco explorada. Quais dicas e conselhos o Sr. poderia dar a um investigador interessado em pesquisar o sufismo na América Latina?*

M. S.: Eu não acho que estudar o sufismo na América Latina seja muito diferente de estudar o Sufismo, ou outros grupos religiosos, em outros lugares do mundo. É sempre bom passar tanto tempo quanto possível com as pessoas. Eu não pude fazer isso em minha pesquisa mais recente [sobre o sufismo na América Latina]. Fui a cerimônias de *dhikr* apenas uma vez, e conversei com as pessoas apenas uma vez. Isso foi tudo que eu tive tempo para fazer porque meu objetivo era cobrir tantos aspectos quanto fosse possível. É bom ter contato com os mesmos lugares e pessoas várias vezes Também é sempre bom fazer um estudo plural e diversificado, pesquisando diferentes ramos da mesma ordem, diferentes ordens e, se possível, em diferentes países. Isso sempre ajuda a esclarecer o que é incomum e, portanto, interessante. Líderes sufis normalmente dirão a você tudo sobre o sufismo, e quanto mais você souber a seu respeito em outros lugares, mais fácil será ver o que é especial sobre o modo como esse sufi particular está entendendo o sufismo.

D. R. P.: *Em seu artigo já citado, o Sr. comenta também que, de um modo geral, o sufismo na América Latina acompanha as “ondas” de irradiação do sufismo ocidental (EUA e Europa), mas com algumas diferenças. Quais seriam estas diferenças, mais precisamente? Seria exagerado afirmar que o sufismo na América Latina tem uma identidade própria?*

M. S.: Desde que escrevi aquele artigo, fiz outro estudo semelhante com base na pesquisa que pude fazer enquanto estava no Brasil e em alguns outros países da América Latina. Isso me ajudou a ver o que há de especial no sufismo da América Latina. Existem alguns grupos que são muito específicos do contexto latino-americano, dos quais o mais importante é o chamado "A Tradição" ou o "Grupo de Agha", que se desenvolveu na Argentina e no Brasil e ainda tem mais membros nesses dois países que em quaisquer

outros. Houve alguma contribuição da Europa, mas é basicamente um grupo latino-americano. Depois, há os grupos que não são latino-americanos neste sentido anterior, mas que se desenvolveram de forma diferente na América Latina. O tradicionalismo, por exemplo, começou em um ambiente católico na França, mas depois se tornou mais e mais sufi na maior parte da Europa e dos EUA. Na América Latina, por outro lado, ele permaneceu em seu ambiente católico original. Ainda hoje, embora haja alguns tradicionalistas latino-americanos interessados no sufismo, a maioria não é. Alguma coisa sobre as condições peculiares à América Latina pode explicar esse desenvolvimento diferenciado. Outra especificidade da América Latina é o papel desempenhado pelo Quarto Caminho de George Gurdjieff. Quando eu estudava as origens das diferentes ordens sufis atuais, o Quarto Caminho continuou surgindo de uma forma que não acontece na história do sufismo europeu ou estadunidense. Eu não estou seguro a respeito do motivo disso. Talvez o Quarto Caminho seja especialmente forte na América Latina, de modo que as pessoas que um dia vão se interessar pelo sufismo tenham maior probabilidade de encontrar o Quarto Caminho em primeiro lugar. Ou talvez haja algo sobre o Quarto Caminho na América Latina que torna as pessoas especialmente dispostas a se interessar pelo sufismo. Ou talvez os dois. No fim das contas, porém, penso que o sufismo da América Latina tem sim sua própria identidade.

D. R. P.: *No Brasil, o movimento Nova Era, do ponto de vista sociológico e cultural, está ligado à classe média, segundo os trabalhos acadêmicos a respeito. Por analogia, e como alguém que conhece um pouco do sufismo no Brasil, tenho a impressão inicial de que, na realidade brasileira, o sufismo orbita dentro do universo social da classe média, não obstante a ausência de uma pesquisa empírica a respeito para confirmar tal impressão. Existe alguma pesquisa embrionária sobre a composição social dos integrantes de alguns grupos sufis na América Latina?*

M. S.: Não conheço qualquer pesquisa sobre isso, mas minha impressão é basicamente a mesma, com base em minhas próprias observações sobre o assunto, que não foram muito sistemáticas, e em conversas que tive com os líderes das ordens sufis que visitei. A maioria dos sufis latino-americanos é de classe média, ou mesmo de classe média alta, e um ou dois podem ser descritos como de classe alta. Não acho que isso seja muito

surpreendente, no fim das contas. Como o sufismo é mais forte fora da América Latina, os latino-americanos que viajam e conhecem línguas estrangeiras têm protagonismo [na difusão do sufismo], e eles tendem a vir de certas classes sociais. O sufismo muitas vezes se espalhou por meio das redes sociais e as redes sociais são geralmente usadas entre pessoas da mesma classe. Em segundo lugar, o catolicismo, que ainda é dominante na América Latina, é bastante diferente do sufismo, o que o torna mais difícil de entender. A instrução formal ajuda aqui. Uma pessoa de origem católica que não teve boa escolarização pode entender o que um pregador protestante está dizendo sem muita dificuldade. Já o que um sufi diz é muito mais difícil de compreender. E a instrução formal se correlaciona com a classe.

Outro aspecto que também é interessante é a questão do gênero. Em todo o Ocidente, muitos grupos religiosos são predominantemente femininos. Alguns grupos sufis na América Latina, especialmente aqueles ligados ao Sufi Ruhaniat e às Danças da Paz Universal, também são predominantemente femininos, tanto na América Latina quanto no exterior. Contudo, a maioria dos grupos sufis latino-americanos parece ter uma distribuição de gênero muito similar.

Daniel Rodrigues Plácido é graduado e licenciado em Filosofia pela USP e especialista em História pela PUC-SP. Membro da ALAFI (Associação Latino-Americana de Filosofia Intercultural), atualmente pesquisa sobre sufismo, filosofia intercultural e educação.

